



A PONTA DO CAJÚ.

A PROVINCIA do Rio de Janeiro é uma das mais importantes do dilatado imperio brasiliense, não tanto por comprehender a capital, bella, populosa, e grandemente commercial, como pela sua vantajosa situação relativamente ás outras partes do Estado, e pelos seus proprios e abundantes recursos. Jaz entre 21 e 24º de latitude meridional, e entre 43 e 48 de longitude occidental pelo meridiano de Paris. Tem por limites da parte do norte, a começar da costa marítima, o rio Cabapuana (*) que a separa da provincia do Espirito Santo, o rio Parahiba e seus afluentes, e a serra da Mantiqueira, outros tantos pontos que tambem a separam da provincia de Minas-Geraes; da parte de oeste e sudoeste confronta com a provincia de S. Paulo desde a dicta serra da Mantiqueira até a ponta de Cairuçu, que fenece no Oceano, da banda do sul; de leste é cercada de mar por espaço de umas cento e vinte leguas, contando-se trinta e cinco entre a costa e a provincia de Minas-Geraes.

Avalia-se a superficie da provincia do Rio de Janeiro em seis mil e duzentas leguas quadradas: em geral é montuosa, exceptuando o terreno que demora atraz do Cabo de S. Thomé, e que na estação das chuvas é alagado das aguas represadas pelos medões de areias que as ondas amontoam, e desfazem ás vezes, sendo porém mister que os habitantes as mais

(*) Ainda no anno de 1816 infestavam as margens d'este rio os indios botocudos, que demos em estampa na 1.ª serie d'este Jornal; porém já em 1820 se policiaram mais e se tornaram tractaveis.

VOL. I. — NOVEMBRO 21, 1846.

d'ellas cortem vailas para o escoamento: nas lagôas d'estas terras brejosas ha grandissima copia de aves palustres de mui diversas côres e de todos os tamanhos. Na estação chuvosa o viandante vê-se atalhado, ora pela violencia da corrente dos rios, ora pelas aguas encharcadas na estrada, e tem de seguir jornada em canôas, levando arreatadas as cavalgaduras, ás vezes a nado. Pudera evitar-se este grave inconveniente se as auctoridades locais, por via de derrama entre os povos, ou por outro meio habilitadas, curassem de abrir vallas, e caminhos altos nos logares alagadiços, com pontes nos sitios em que precisas fossem, tratando posteriormente da reparação e conservação das estradas; assim alcançar-se-hia não só grande beneficio para o transito como para a agricultura pela aquisição de optimos terrenos, e tambem para a saúde dos habitantes, que padecem muito com as febres periodicas.

Deixando as lagôas visinhas ao mar, é toda a provincia bem cortada de aguas; ao norte a rega o Parahiba, para o qual confluem os rios Grande, Bossarahi, Paquequera, Piabanha, e Pirahi, todos para além dos montes e serra dos Orgãos; ao sul d'esta serra e da dos Aymorés tem seu curso os rios Macabú, de S. João, Macahé, Macacú, Iguacú, e Guandú, que seguem diferentes rumos, sem fallar em outros muitos, menos copiosos, que todavia servem de uteis vias de comunicação para o transporte dos generos do sertão.

Os portos da cidade de Cabo Frio, do Rio de Janeiro, e d'Angra dos Reis são os que tem capacida-

de para grandes vasos de guerra; nos outros da mesma costa só entram barcos, e são os principaes Armagão, Barra de S. João, Guaratiba, Macahé e Parati. A maior parte das ilhas das bahias e proximas á costa são povoadas e cultivadas.

Quanto á parte mineralógica, é bem escasso o ouro n'esta provincia, porém ha minas de ferro e de enxofre ainda por lavrar, e por toda a parte pedreiras de granito; varias especies de barros que se empregam na feitura de louça ordinaria, tijolos e telhas; n'algumas serras acha-se tambem o kaolin de que os chinas fabricam a sua melhor porcelana. Mattas vastissimas ministram excellentes madeiras de carpintaria, a saber, cedro, canella, merindiba e caixeta; o jacarandá, vinhatico, arariba e outras servem para moveis pela belleza da côr e facilidade com que tomam polimento: fazem-se canoas de todos os tamanhos com o páu d'oleo, arvore que cresce extraordinariamente. A ipecacuanha e a jalapa brotam espontaneas na orla das mattas abundantes de lenhos, que vertem gomas e balsamos mui prestadios e procurados. O páu-brasil ou ibirapitanga é inferior ao das provincias do norte. Nas terras incultas visinhas ao mar acham-se tres especies de aroeira, que servem aos pescadores para tingir as redes, que assim se tornam mais duradouras.

A provincia do Rio de Janeiro é entre todas as do Brasil a melhor cultivada. Os plantios de café são muitos e grandes, e de boa qualidade o seu producto, encontrando-se por toda a parte, bem como os bananaes e palmares, laranjaes e mangueiraes, e outras arvores que, trazidas das Indias orientaes, se aclimataram, como aconteceu aos pecegueiros e marmeleiros da Europa. Das arvores fructiferas indigenas umas requerem terreno forte, como as jabuticabeiras, grumixameiras; outras, como os cajueiros, se dão muito bem nos arneiros; algumas em toda a parte medram sem precisão de amanho, como os araçazeiros e goyabeiras. Antes da chegada do Sr. D. João VI ao Brasil não se cultivavam nas hortas senão feijões, couves e nabos; porém a affluencia dos estrangeiros introduziu o uso de todas as hortaliças de que os mercados se acham bem providos. Nas mattas das partes da provincia que se acham povoadas criam-se cabritos monteizes, pacas e outra caça; nas do sertão vagueam onças, jaguares, gatos bravos, gambas ou sarihoés, tatús, e outros animaes proprios da America. Por toda a parte tem multiplicado prodigiosamente o gado vaccum, cavallar e muar, originario da Europa.

Segundo o arrolamento de 1840 a população da provincia era de 430000 habitantes, contando 224850 escravos de ambos os sexos; o total será 600000, ajunctando-se-lhes 170000 almas da povoação da cidade e arrabaldes, distribuida da seguinte maneira: — brasileiros por nascimento ou adopção 60000, estrangeiros de diversas nações 25000, escravos de toda a côr e sexo 85000.

No anno de 1841 exportou a praça do Rio de Janeiro 1 028 368 saccas de café de cinco arrobas, 10465 caixas de assucar, 174 648 couros. — No anno financeiro de 1842 a 1843 saíram 4804813 arrobas de café da colheita da provincia, e 1 029 732 arrobas vindas das provincias de S. Paulo e Minas-Geraes, que fazem a totalidade de 1 166 909 saccas de café de cinco arrobas. Segundo os documentos officiaes publicados em 1843 ha na cidade do Rio de Janeiro 4734 casas de commercio de diferentes generos; 7 belgas, 95 inglezas, 328 francezas, e o restante pertencentes a portuguezes, que especialmente se occupam do commercio de ferragens, quinquelherias, mercearia, e vendem junctamente por miudo aguardente, vinho, azei-

te, manteiga, especiarias, conservas, carne secca e outros comestiveis.

Tiramos o presente artigo de uma bem redigida obra recém-publicada em Paris (1845), compilada sobre os manuscritos de Mr. Milliet de St. Adolphe pelo Sr. Dr. Lopes de Moura: o auctor originario residiu no Brasil vinte e seis annos, percorrendo-o em variadas direcções.

A nossa estampa representa um sitio das visinhanças do Rio de Janeiro — a ponta do Cajú. Este pontal arenoso, e sobremaneira saliente na bahia Nithe-rôhi, fica a uma legua ao noroeste da cidade. Ahi se vê um palacio imperial, notavel pela simplicidade da architectura e pelos soberbos jardins plantados em chão arido. D'este local se espraia a vista pela bahia e montes circumdantes, e por muitas casas de recreio, vivendas agradaveis na boa estação por causa da viração do mar, que refresca a intensidade do calor diurno, e da viração ou briza da tarde, que de ordinario reina todas as noites.

ARTE ANTIGA.

(Continuado de pag. 81.)

ENTRANDO no interior das igrejas é que se observa na disposição particular, e em todo o plano d'ellas, o symbolo a revelar-se em toda a sua magestade. Os architectos da meia idade imitavam a estrutura das primeiras basilicas, sem se deterem com a sua origem pagã. No seculo XIII, sobre tudo, exprimem com individuação e clareza a historia e o fim do christianismo.

A figura em cruz de todos os monumentos religiosos é para recordar a morte do fundador da nova religião, que escreveu com o sangue do martyrio, no coração dos povos, a sua doutrina sublime. A entrada principal dos fieis na igreja fazia-se pelo grande portal, pelo pé da cruz. Não significará isto, que pelas trabalhosas missões, pelo zelo incansavel, se derramou o Evangelho entre as nações? A nave representa a congregação dos fieis. A intersecção do choro e da nave, aonde se ergue o altar mór, é o logar sanctissimo, em que o sacrificio se consumma. Este logar sagrado, aonde se deposita o que os christãos adoram mais reverentemente, corôa-o uma cupola, imagem do empyreo: umas vezes redonda, outras cortada em pannos. Debaixo da cupola está o pulpito, d'onde o sacerdote falla a palavra de Deus, e explica a lei moral. No da direita liam-se os Evangelhos, no da esquerda commentavam-se as Epistolas.

O choro situado para o levante, no sitio mais eminente da igreja, é o symbolo da sanctidade e da luz do Espirito Sancto. Primitivamente só tres janellas se rasgavam para o allumiar. Ahi, nas cadeiras esculpidas, assistiam aos officios os ecclesiasticos, conservadores das cousas sagradas, e os magistrados, representantes do estado civil. Tudo isto significava a união da vontade catholica, uma e universal, e a fortaleza do christianismo.

As capellas collateraes das naves, e as que se abriam em volta do choro resplandeciam uma como auréola sobre a cabeça de Christo, representando o culto dos martyres da fé, e o das comunidades e povos. As naves eram o logar de reunião assignado a todas as gentes da terra. Estas diversas partes, no todo, significavam a igreja militante.

Por debaixo d'ella cavavam-se tenebrosos subterraneos; existia uma segunda igreja abobadada; essa compunha o symbolo da igreja afflicta. Nas gallerias superiores, nas tribunas do choro, e algumas vezes

em capellas feitas nos campanarios celebrava-se o culto dos anjos. Era o symbolo da igreja triumphante.

Ornamentação.

As figuras que se enlaçavam phantasticas nas voltas dos arcos, nos capiteis dos columnellos, e no arqueamento das portas, essa innumeravel serie de griphos, arabescos e archanjos, não eram fórmulas inventadas ao acaso pelo capricho do artista. Ligavam-se ao pensamento da epocha, e á idéa de quem delineava os admiraveis hymnos de pedra, chamados cathedraes. Em umas eram a traducção do mysterio em allusões palpaveis; n'outras exprimiam a resistencia popular á violencia civil, ou ao predominio sacerdotal. Em muitas os terrores da eternidade, e o desespero moral vestiam as suas apprehensões de corpos horriveis, truncados, e medonhos, como os criava a imaginação atribulada das nações. O livro de marmore dava a formula — a sociedade, para a qual se abria, possuia o segredo de a resolver.

As parochias, quasi nullas no seculo XII, apparecem rudes e singelas como os habitantes ruraes, que o sino chamava á oração. No seculo XIII a reacção começa; as ordens mendicantes crescem, e levando erguida a cruz da penitencia, e trazendo sempre viva em si a imagem da primitiva pobreza e humilhação do apostolado, disputam aos opulentos benedictinos e bernardos o imperio, de que já principiavam a abusar. É no tempo da epopéa da idade media que o architecto e o esculptor lavram tambem a sua epopéa na face das cathedraes; o cinzel responde ao trovador. Cada andar de marmore encerra um canto; cada figura repete um verso. Nos portaes lavrados, que resguardam o sanctuario, os que passam, ao levantar os olhos, encontram um episodio admiravel, e param para o estudar. A poesia mundana rima em canções d'amor as bellezãs da gaia-ciencia, os soláus, as chacaras, as cantigas populares, que se dizem ao pé da lareira na ingenua melopéa do povo. Os monumentos escrevem com o escôpro a epopéa religiosa, a criação, o verbo d'esperança, a alliança antiga, renovada pelo sangue do Justo nas raizes do Golgotha. São os prophetas, são os martyres, é a virtude triumphante, dobrando o vicio escravo aos pés do arrependimento e da fé.

O seculo XII *cre e sente*; mas é uma crença austera — é um sentir aspero. Viu Karl o Grande e Frederico Barbarôxa, heroes gigantes e autocratas, como os reis de Judá, resplandecerem com severa e terrivel magestade. Deus era para elles o antigo Jehovah, assentado n'um throno de nuvens, fulgindo-lhe na frente a corda de fogo dos relampagos, fulminando pela voz dos trovões os crimes de uma geração de poderosos oppressores e corrompidos. — Por isso em toda a parte, nos poemas e nas esculpturas, predomina a copia das passagens do Testamento velho. Depois suavizaram-se estas idéas lugubres. Christo, pela sua natureza, promettia reconciliar os homens com o céu. A misericórdia estendeu o braço para consolar as dôres, com que a duvida e o temor punham o peito dos crentes. A Virgem, meiga e terna como o amor, era a luz da esperança, que illuminava as trevas de um futuro carregado. Quando o seculo XIII rompia com a tremenda ameaça do fim do mundo, só Ella, a Mãe do Filho de Deus, inexgotavel na bondade e na doçura, podia obstar ao castigo, e deter a espada da justiça.

Então as artes esqueceram as figuras medonhas apenas humanas, que o cerebro desregrado do artista evocava da imaginação delirante; figuras de dôr e pesesperação. As idéas purificam-se pela promessa do

Evangelho, e a victoria da esperança grava-se na architectura, reproduz-se nas bellas e animadas estatuas dos sanctos e confessores, como nas cathedraes de Paris e Strasburgo, e penetra pelos olhos e pelo coração no aperfeiçoamento moral dos povos.

D'esta revolução nas crenças proveio a reacção nas artes. Os sumptuosos e magnificos portaes de Reims e de Amiens nasceram d'ella. A variedade, a riqueza, e o numero dos ornatos extasiavam. Vistos de perto, percebe-se que no seio do infinito, no meio da copulencia de milhares de fórmulas, a ordem anima desde o mais simples até o mais complicado ornamento. São palavras, são phrases, são versos abertos em marmore. Da sé de Lisboa á Batalha, e da Batalha a Belem que distancia moral não vai, que revolução no gosto, que progressiva transformação nas idéas?

Ha nos monumentos religiosos, que o passado nos legou, a historia de civilizações extinctas. Os innovadores de camartello, os emplastradores de gesso e vermelhão, não sabem que esses relevos partidos, essas columnas brutalmente assarapintadas de cal, esses capiteis variados, e os filetes bordados de figuras, enriquecidos de mil tarjas, de que fazem marcos e calçadas, contém uma parte dos pergaminhos da nossa antiga nacionalidade. Fanaticos de uma cousa que não percebem, invocam o progresso, cuspidos nas cinzas de seus avós. As artes, os homens, e a civilização devem perdoar aos pobres de espirito, porque na sua ignorancia não entenderam o que fizeram. Mas quem nos restituirá o que nos roubaram no seu enthusiasmo municipal os Gracchos da picareta, os Atilas das sés e dos mosteiros? Só nos resta conservar o que nos deixaram, e defende-lo das estações e dos vandalas. O mais perdeu-se irremediavelmente.

O FEITOR DE CANTÃO.

Novella.

(Continuado de pag. 86.)

MARIA, depois de vestir o fato ordinario, viera ter com seu pai á sala onde o deixára; e como não o encontrasse, affigurou-se-lhe que ainda estava agastado e saíra para não a vêr.

Arrazaram-se-lhe os olhos de lagrimas só de o imaginar. Maria amava d'alma a seu pai, estremecia-o, tinha-lhe um affecto implacavel, como á unica criatura com quem podia communicar pensamentos. Apartada dos mais homens por causa da sua enfermidade, para ella o mundo cifrava-se em seu pai; em quem concentrára toda a amizade que uma menina reparte com a mãe, irmãs ou companheiras; não podia pois supportar o mais leve enfado d'Essendon; uma reprehensão sua, por mais branda que fosse, causava-lhe uma especie de desesperação.

Mas se ao principio a affligira a ausencia do feitor, em breve lhe despertou serios cuidados a tardança depois da hora do costume; porque, como o feitor se esquecera de lhe dar parte do convite de You-hi, parecia a demora inexplicavel. Chegou a hora da ceia, e Essendon sem apparecer! Maria mandou procura-lo aos differentes escriptorios onde elle tinha negocios; em parte alguma o virão!

A imaginação da infeliz menina, já abalada, começou a desvairar. Muito contribuia para lh'a exaltar a impossibilidade de communicar os seus receios, de os discutir, e de os ouvir contrariar. Desceu muitas vezes ao porto, e caminhava á tôa procurando avi-

da com os olhos por entre as turbas o seu idolo, como se esperasse encontra-lo a cada volta. Sobreveio a noite e seu pai sem chegar.

Recolheu-se a casa e sentou-se a uma janella sobranceira á rua. Alli, debruçada, com o coração angustiado e a cabeça a abraçar-se-lhe, se afanava por distinguir do borborinho a tão conhecida voz paterna. Entrou finalmente um criado que fôra buscar noticias, e deu-lhe a entender que tinha visto ir o palanquim do feitor para os arrabaldes chinas, onde estava a casa de You-hi.

Com esta noticia recresceram os sustos de Maria. O exemplo recente d'um inglez que tinha sido apanhado n'um d'esses hairros escusos, e maltractado pelos moradores chinas, que não o largaram sem receberem avultada somma de dinheiro, provava, com effeito, que taes excursões não eram livres de perigo. Em quanto luctava entre temores sem se deliberar, alongou os olhos machinalmente para a margem opposta do Tigre, e deu um grito. Cresciam longas labaredas por cima das casas do arrabalde, espalhando no horisonte um clarão aziago!

A muda não pensou em mais nada senão em que tinha lá seu pai, exposto, além dos perigos já sabidos, aos do incendio! Este receio acabou de a desatinar. Correu fóra de si ao caes, voou ás barcas de passagem, mas o povo pejava os embarcadouros, apontando para as chammas a medrar na outra banda, e bradando soccorro. Depois de haver tentado em vão abrir caminho até os *campans*, lembrou-se Maria d'outro sitio, mais para baixo e menos frequentado, onde estanceavam barcas. Livra-se do apertão e parte ás carreiras pela ribeira abaixo.

E a noite escura, e o vento a sibilar lugubre, e o Tigre a bramir ao longe. Na passagem só estava atracada uma *lorcha* sem lanterna. Maria divisou na prôa dois barqueiros tartaros mal encarados. Conversavam em voz baixa. Ruins agouros! Maria não repara; lança-se na barca, e desata a corda que a prendia á praia, soltando o grito agudo com que ajudava a expressão dos gestos. Os tartaros ergueram-se, e como que se interrogaram. Maria vendo-os irresolutos, puxou depressa pela bolsa, tirou d'ella uma moeda de ouro, e lhes indicou a outra banda. Os olhos dos barqueiros faiscaram ao vêr ouro; correram ambos aos remos, e o batel fez-se ao largo.

A menina muda, de impaciente, tinha ido para a prôa, e aguçava a vista para distinguir, nas trevas da noite, a outra margem do rio. E a barca tão vagarosa, tão vagarosa! Até, por tres vezes, lhe pareceu parada, como se os conductores hesitassem em ir ávante, e ao voltar-se os viu a conversar com grande interesse em voz sumida. Chegára emfim a meio-rio; a outra banda começava a avultar no escuro, e ella, para assim dizer, já a afferrava com os olhos, quando a cingiram dois braços vigorosos! Voltou-se dando um grito; mas quasi no mesmo instante sentiu ferirem-lhe o peito, e caiu sem sentidos.

Effendon, como fica dicto, lá pelo meio da noite é que veio para casa, e só quando, no outro dia, perguntou pela filha é que deu pela sua falta. Como os criados não a tinham visto sair nenhuma informação puderam dar. O feitor esquadrinhou todos os recantos, correu a casa dos seus amigos, interrogou os vizinhos, e espalhou a criadagem por toda a cidade de Cantão. As primeiras pesquisas foram inuteis; mas, perto da noite, trouxeram-lhe uns barqueiros uma cravata com manchas de sangue achada no Tigre.

Effendon na cravata reconheceu a firma de Maria! Este lugubre indicio fulminou o malaventurado pai! Nem já podia duvidar, morrêra-lhe a filha, e mor-

rêra-lhe assassinada! . . . Mas aonde? por quem? com que motivo? Enredava-se-lhe a mente em supposições impossiveis. Eram baldadas as treguas que, para assim dizer, dava á desesperação afim de inquirir reminiscencia; não podia acertar com o rumo, e do meio da cerração um só verdade surgia, innegavel e terrivel: assassinaram tua filha. Effendon repetia estas palavras como um louco, ou como um homem que trabalha por despertar de sonho horrendo. Por mais provas que desse a si mesmo da certeza da perda da filha, se o entendimento as admittia o coração rejeitava-as. N'esta lucta perpetua de um com o outro, se elle ouvia fallar na escada, se sentia abrir alguma porta com mais pressa, voltava-se, sobresaltado, com a esperanza de ver Maria!

Passaram se dias e dias, e ella sem apparecer. O feitor, por fim, foi obrigado a crer. . . a crer que já não era pai! Esta certeza matou-lhe a energia. Rompeu de subito todas as suas relações, abandonou a direcção da feitoria aos agentes inferiores, e escreveu á companhia para o mandar substituir.

Quizeram vêr os amigos se o confortavam, mas sem fructo, que ao feitor até aborrecia escuta-los. Deitado n'uma marquezia diante do retrato de Maria passava dias inteiros, immovel, olhando sem vêr, e ouvindo sem responder. A'quella actividade energica e curiosa d'outrora succedêra o torpor da indifferença. Dissereis que a filha, ao desaparecer, lhe levára consigo força e vontade; triste abatimento das almas mais fortes, quando as preenche um só affecto e a desgraça o corta pela-raiz.

Um dia que Effendon tinha ido, como quem vai de rastos, ajustar umas contas com o kong-hang, o que só elle podia fazer, ao passar pela porta defeza da cidade china, obrigou-o a parar uma longa cafila de camellos, que vinham carregados de sal e de carvão. Acabava o ultimo de entrar pela porta, e o feitor, immovel qual estatua, ficára a olhar materialmente para as carroças de vela, equilibradas n'uma só roda, para as liteiras levadas a braços, e para os grandes carros empurrados por um só homem, que transportam os viajantes com as suas bagagens, quando deu com os olhos n'uma sumptuosa carroça de quatro rodas, com a caixa envernizada, puxada por cavallos ricamente ajaezados. Dirigia-a um cocheiro natural da Coréa, como indicavam a largura da sua tunica, o chapéu conico de bambú entrançado, e as botas d'algodão acolchoado. Sobre as almofadas de verniz preto avultava o bastão de mandarim em relevo dourado, coroado d'uma grinalda de jasmins de prata.

A carroagem, que parára por achar a rua empachada, tornou a rodar. Ao passar defronte de Effendon . . . Boliram de repente as cortinas de seda e souo um grito! . . .

O feitor, que ia a partir, voltou-se attonito. Reconhecêra aquella voz que se não confundia com outra! . . . N'este momento correram-se rapidamente as cortinas agitadas, ouviu-se outro grito, e um rosto de mulher se inclinou para fóra! . . . Era Maria.

O americano estendeu os braços e quiz lançar se a ella! . . . mas a carroagem passára a porta china, e os cavallos, achando-se em campo largo, metteram de trote. Effendon, fóra de si, a seguiu aos brados; alcançava-a se os guardas chinas da porta lhe não impedissem a passagem.

— «É minha filha, vil gente, é minha filha!» exclamou o feitor forcejando por soltar-se.

— «Para as feitorias, para as feitorias, cão!» replicaram os soldados empurrando-o.

— «Não, disse Effendon allucinado, largai-me! . . . minha filha . . . quero segui-la!»

—“É um doido, ” repetiram algumas vezes.

—“É deita-lo no Tigre.”

—“Agarrem-n’o bem.”

Tinham com effeito agarrado o feitor, que deu um urro de raiva, e fez o supremo esforço ao vêr a carroagem proxima a sumir-se na volta d’uma rua. Mas o official mantchou que commandava o posto acabava de chegar com um reforço de soldados, que se deitaram a elle, lançaram-n’o por terra, e depois de o terem atado de pés e mãos com as cordas dos seus arcos, o puzeram ás costas d’um burro e o trouxeram para as feitorias no meio dos insultos e apupos da gentilha. (Continúa.)

OS INDIOS DE SURINAM.

CONTINUANDO a narração dos costumes dos indios de Surinam ou Cayenna hollandeza (vide a pag. 85), tractaremos de sexo masculino.— Os indios são geralmente de character bondoso, e tudo se alcança d’elles por via de brandura e afagos, e principalmente pela dadiua de bebidas espirituosas; porém na embriaguez são tão formidaveis como na cholera, e tão crueis nas demasias da gula como na vingança. Teem as feições do rosto assaz agradaveis, o que se observa principalmente na gente moça, mas divisa-se-lhes certo fundamento de melancholia, que provém da bruteza e do excesso das bebidas, a que se entregam com furor quasi incrível.— Teem a testa chata e recuada, olhos pretos e de ordinario pequenos, dentes mui bellos, que conservam até muito avançada idade; nunca são atacados de escorbuto e outras enfermidades da bocca, tão communs na Europa: os cabellos teem-n’os pretos como azeviche, e só se fazem brancos na extrema velhice: serapintam a cara com listas negras e encarnadas, as primeiras feitas com gumo de genipapo e as segundas com urucú: a sua cor estimada, como entre todos os demais povos selvagens, é o vermelho, e d’ella tingem cabellos, pescoço, espaduas, e ás vezes outras partes do corpo: a quem os vê de certa distancia parece que estão crivados de golpes; e alguns riscam tambem metade das pernas, o que faz o effeito de borzeguins (*): a natureza lhes concedeu pouca barba, e assim que essa pouca despona é arrancada com pinças feitas de cascas de marisco.— Assim como as mulheres furam as ventas e o beijo inferior, os homens fazem o mesmo ás orelhas, trazendo n’ellas um como alfinete de certo metal, que parece prata ou platina, e que elles affirmam haver em abundancia nas suas terras; comtudo os mais d’elles trazem bocados de páu ou ossos de inimigos. Uns cobrem-se com chapéus tecidos de pennas de aves diversas, ou simplesmente com pennas de varias cores, outros poem barrete, alguns cingem a cabeça com uma tira de pelle de onça, e os mais d’elles andam de cabeça toda descoberta. Ao redor da cintura amarram uma corda ou faxa de cor escura, as mais das vezes vermelha, que lhes serve para pendurar uma faca sem bainha. Passam por entre pernas outra faxa de algodão azul ou encarnado, da largura de meia vara, e do comprimento de quatro a cinco: as duas pontas ou cabem soltas posterior ou anteriormente, ou as arregaçam sobre as pernas ou sobre os hombros; ha-os que trazem uma especie de dalmatica ou capa, de duas a

(*) Esta pintura dos selvagens é cravejada na pelle, como fazem os supersticiosos da Europa, que se ferram com signos salamões, e outros signaes symbolicos contra bruxedos e feitiços.

tres varas em quadro, que enrodilham á cinta ou traçam por cima do hombro.



Nada ha tão comico para quem não está habitua-do como vêr um caudilho, ou capitão indio, vir ao forte europeu, ou a qualquer auctoridade da colonia, com seu casacão vermelho agalado, sem camisa nem calções, de chapéu redondo tambem agalado, e empunhandó um bastão como usam os tambores môres: toda a tribu o segue a certa distancia, e as mulheres e rapazes cerram a marcha. Commumente é um velho, e sempre o mais habil guerreiro da cabilda; faz que lhe obedeçam ao primeiro aceno, e os seus mais leves dictos são tidos como oraculos por todos os seus.

Teem por armas arcos feitos de páu rijo, de ordinario de cinco a seis pés de comprido; e h-aos menores: os rapazes os teem de junco para se exercitarem: as frechas são de tres a tres e meio pés, e tambem são de junco ou de páu de palmeira; a seis pollegadas da extremidade as enfeitam de pennas de papagaio; as pontas são de ferro ou de espinhas, artificialmente trabalhadas: outras frechas lhe servem para varar o peixe quando o descobrem a dois ou tres pés de fundura d’agua: as de que usam contra os inimigos são hervadas com o succo da arvore mancenilheira. Tambem se armam de lanças ou dardos, que arremeçam com grande destreza: fazem zarabatanas com juncos de nove a dez pés, e as frechas que disparam são pequenas, mui delgadas, e involtas em algodão; jogam-n’as a cem e mais passos só com o impulso do sopro, e com força bastante para matar animaes pequenos, passaros ou quadrupedes. Teem varias castas de massas de lenho duro e preto, algum com veios ou jaspeado: umas boleadas e do compri-

mento de dois a tres pés, outras chatas, quasi da fórma de catana, e na ponta ornadas de plumas: tambem as fabricam quadradas, e pouco mais ou menos de dois palmos. — Todas estas armas, bem como as fundas e as facas de matto, tornam-se muito sanguinarias nas suas mãos, sobre tudo em momento de cholera ou quando acirrados na guerra. Desde a chegada dos europeus é que conhecem o uso da espingarda, do machado e acha d'armas e da espada: atiram com a primeira á moda dos negros, apóiam lo a coronha no quadril direito.

Uma aldeia india é, pelo commum, habitada por vinte a trinta pessoas entre homens e mulheres, sob as ordens de um caudilho; constroem as suas casas, ou ramadas, do modo mais economico, compondo-as de alguns troncos bifurcados e mettidos no chão: o tecto é de serrafos de lenho de palmeira, recamados de folhas de bambú e de bananeira, tão bem concertadas que não as penetra a agua: não tem portas nem frestas, e o tamanho é proporcional ao numero de individuos que ha de occupa-las. Em geral, os indios não tem residencias fixas: ora habitam os bosques, ora á beira das calhetas ou dos rios; umas vezes se retiram para as suas roças, outras vezes abalam para as praias maritimas. Quando intentam mudar de morada, escolhem o lugar, e o aplanam para construir a choça. Feito isto, preparam em redor o chão para a cultura da mandioca, do milho, e da bananeira; porém nunca para mais do que lhe é absolutamente indispensavel ao gasto.

A caça e a pesca são as occupações habituaes dos indios; as mulheres são obrigadas a segui-los n'estes exercicios, carregadas das necessarias provisões; e além d'isso cumpre-lhes ir buscar a caça que os maridos derribam, e carrega-la para a cabana. Vi um dia (diz Mr. Benoit) uma india moça e interessante que voltava da caça com seu marido; este não trazia mais que o arco e frechas, e aquella caminhava apoz elle accurvada ao pezo de um grande mólho de bananas, de uma creança de mama, de nma cabaga cheia de *chica* (bebida fermentada) e ao mesmo tempo pendia-lhe de um braço um cabaz cheio de caça.

Quando os indios vão á pesca empregam as suas pirogas ou canoas, de nove a dez pés de comprimento e de quatro de largura, inteiriças porque são feitas de um só tronco de arvore excavado: as grandes ou de guerra compoem-se ordinariamente de nove aprinchas, junctas mui artificiosamente com cordoalha: algumas tem vinte a trinta pés de comprimento, e as velas quadradas; servem tambem para as excursões pelo mar, ou á vela ou a remos: n'ellas conservam sempre lume prompto, que as mulheres vigiam para não se apagar. — É de ordinario em terra mesmo, sobre tudo nos bosques, as mulheres hão de ter sempre fogueira, por duas razões: amedrontar e fazer fugir as feras, e dissipar as nuvens de mosquitos e outros insectos, nimiamente incomodos n'estas paragens.

Em Surinam, da mesma maneira que entre todas as tribus selvagens, as formalidades e ceremonias que precedem e acompanham os casamentos são de uma singeleza primitiva. Quando o indio pretende tomar mulher principia por presentear a sua noiva com a colheita das suas caças e pescas, ou alardeia em sua presença os tropheus guerreiros, se teve occasião de conquistar os despojos ou o craneo de um inimigo. Se a rapariga acceta as dadivas, é prova de que consente em toma-lo por senhor e marido: e quando o seu noivo se recolhe das suas occupações, traz-lhe á cabana o mimoso mólho de peixe; e depois volta para sua casa. Em breve se fixa o dia das nupcias; e no entanto parentes e amigos ajunctam provimen-

to de comidas e bebidas para o festim solemne. Chegado o dia, o mancebo procura a rapariga na cabana da familia, e diz lhe «eu te escolhi por mulher.» Bastam estas simples palavras; ella o segue logo: celebra-se o banquete, primeiro para os homens, porque só depois são admittidas as mulheres, uso de tal sorte rigoroso, que nem mesmo a recém-casada come n'essa occasião com seu marido. D'ahi por diante começa a vida aspera e trabalhosa da india com seu senhor.

SUPERSTIÇÕES DOS ARABES ANTES DE MAFOMA.

(Continuado de pag. 78.)

ISAAC e Ismael herdaram o raio prophetico; mas para os musulmanos tem a primazia Ismael, porque o consideram pai da tribu de Mafoma, e unico filho legitimo. Contam d'Ismael o que a Biblia diz d'Isaac. Tractam pouco por miudo de Jacob; mas Joseph, ou Jossouf como pronunciam os musulmanos, gosa de grande nomeada no Oriente. Mafoma consagrou-lhe um capitulo inteiro do Koran, e o que d'elle diz é tão fóra do natural, que mesmo alguns dos seus discipulos o tem por embuste.

Sabe-se que Joseph foi vendido a um egyptano por nome Putiphar. Crêem os orientaes que Putiphar era primeiro ministro de Pharaó; affirmam que Joseph era formosissimo, e que nenhuma mulher o podia vêr sem que o amasse. Mal o avistou a de Putiphar ficou louca de amor. Estava Joseph a ponto de ceder-lhe quando a sombra de seu pai o reconduziu á estrada do dever. Soou esta aventura, accrescenta o Koran, na capital do Egypto, e todas as damas se indignaram contra a fraqueza da companheira de Putiphar, levando-lhe muito a mal a baixeza de dar o coração a um escravo. A mulher do rico egyptano, querendo vingar-se, convidou algumas d'ellas para virem comer romãs a sua casa. Estando todas á mesa fez apparecer de repente Joseph, cuja belleza cegou as damas a tal ponto que, sem attentarem no que faziam, cortaram os dedos em vez de cortarem as romãs. Este caso, escreve Mr. Reinaud, acha-se representado n'um bellissimo manuscrito persa da bibliotheca real, o qual tracta da historia dos patriarchas e dos prophetas.

Decorreram muitos annos depois da morte de Joseph sem apparecer nenhum personagem celebre. Moysés ou Mussa, segundo a orthographia oriental, foi quem Deus elegen para fazer lembrados os grandes nomes de Noé e d'Abrahão. Mafoma cita muitas vezes Moysés no Koran; como elle se achou n'uma situação quasi semelhante á d'este patriarcha, como tambem se viu obrigado a sair da patria, e esta emigração lhe estendeu o poder, agradava-lhe pôr em scena o legislador dos hebreus, e auctorisar-se com os seus exemplos. Na opinião dos orientaes sabia alchimia e todos os segredos da natureza; obrou a maior parte dos milagres com a mão, que elles figuram tão alva como a neve, tão brilhante como as estrellas do firmamento. É por isso quando querem fallar d'um homem poderoso pelo dom da palavra, d'um medico que faz curas maravilhosas, dizem que tem a mão branca de Moysés.

David ou Daoud, como lhe chamam os povos do Oriente, não é menos illustre para os musulmanos do que para nós: por ter composto os psalmos o puzeram a par de Moysés, Jesus, e Mafoma. Livros d'ou-tros quaesquer não os julgam inspirados. Os arabes fazem uma idéa tão cabal da voz de David, que lhe attribuem o condão de deleitar os passaros, amollecere o ferro, e aplanar montanhas; quando celebrava os

louvores de Deus toda a natureza vinha a acompanhar-lhe os canticos. Para provar a compunção com que David chorou o seu erro, escrevem os musulmanos que, durante os quarenta dias da penitencia, as plantas e as bervas cresciam com a abundancia das suas lagrimas. Além d'isso, querendo exaltar-lhe a modestia e lbaneza, fabularam que elle escrupulisava de gozar o fasto real; e que não só fazia timbre de vestir uma tunica simples de lã branca nos dias solemnes, como as dos prophetas, mas, a exemplo d'elles trabalhava pelo officio de arneiro e fabricante de cotas de malha, e do seu producto se mantinha. Cumpre saber que os orientaes, testemunhas diarias dos abusos do despotismo, inclinam pouco a respeitar as grandezas mundanas: o afamado Areng-Zeb, que reinou na India ha mais d'um seculo, comia e vestia do que lhe rendiam as copias que tirava do Koran.

Sucedeu a David no throno e na luz prophética seu filho Salomão, a quem os orientaes chamam Solimão. Não ha casta de maravilhas que lhe não attribuam, e o seu nome ficou sendo o emblema de quanto ha grande sobre a terra. Dizem os arabes que Salomão havia sujeitado ao seu poder não só os homens e os animaes, mas os genios e os elementos. Era pio por natureza, e assiduo no orar. Certo dia em que estava a ensinar os seus cavallos, chegada a hora da reza, largou tudo para cumprir este dever. Entretanto fugiram-lhe os cavallos; porém Deus lhe resarcio a perda mandando aos ventos o levasssem onde desejava. Quando tinha de fazer alguma viagem sentava-se n'uma alcatifa, e a aragem brandamente o transportava ás regiões mais longinquoas. D'este modo, pelo que dizem os arabes, salvou Salomão os desertos da Arabia, zombou das correntes mais impetuosoas, percorreu todas as ilhas do oceano indico, e obrigou o universo a reconhecer a lei do Eterno. Accrescentam os orientaes que quando Salomão julgava, assistiam ás suas sentenças dois mil patriarchas e prophetas, sentados n'outros tantos thronos de ouro á direita; e dois mil sabios e doutores da lei, sentados em thronos de prata á esquerda. As aves do céu vinham fazer sombra ao riquissimo solio de Salomão, que sabia a lingua dos passaros, dos insectos, e de quanto respira. Masoma não desdenhou inserir no Koran as praticas de Salomão com uma formiga. Tinha ensinado uma poupa a levar-lhe as ordens a todas as partes do mundo, e por ella é que soube a existencia da rainha de Sabá; e tambem era senhor d'um escudo que o defendia dos encantos e dos encantadores, o qual escudo, revestido de character mystico, composto de sete pelles differentes, e cercado de sete circulos, fôra fabricado sob influxo celeste. Salomão possuia igualmente uma espada chammejante e uma couraça impenetravel.

O thesouro mais precioso de Salomão era o anel que trazia no dedo, com que lia no presente e no futuro, e com que sujeitara a maior parte dos genios a lhe obedecerem. Tão submissos eram os genios á vontade de Salomão que bastava mandar para ser logo servido. Por este meio facil, segundo os orientaes, erigiu o filho de David o templo de Jerusalem, o palacio da rainha de Sabá, e os outros monumentos que lhe illustraram o nome. Estando um dia no banho casu infelizmente o anel em poder d'um genio perdido, que o lançou ao mar. Este genio levou o atterimento a ponto de se intitular Salomão, e o verdadeiro Salomão viu-se obrigado a vagar quarenta dias pelos seus estados, feito alvo dos mais grosseiros insultos. Um peixe trouxe por fim o anel milagroso a Salomão, que proseguiu na estrada dos seus triumphos. Os orientaes attribuiam a Salomão grande sciencia magica, e esta opinião remonta aos tempos da

maior antiguidade. Lê-se no historiador Josepho que desde o tempo do rei Ezechias, isto é tres seculos depois de Salomão, já circulavam com o seu nome muitos livros de magia e sortilegios; Ezechias mandou-os queimar, mas escaparam muitas copias, e a superstição foi crescendo de dia para dia. Masoma assegura no capitulo segundo do Koran que taes livros não os escrevêra Salomão, mas demonios litteratos. Quando Salomão exhalou o suspiro derradeiro fizeram os genios mil tentativas, baldadas todas ellas, para se apoderarem do anel. Os musulmanos estão persuadidos de que Salomão se acha enterrado n'uma ilha do mar do Sul, e que, se não fôra uma serpente com azas que lhe guarda o tumulo, já os genios se teriam apossado do talisman. Taes são as differentes causas que concorreram para propagar o nome de Salomão pelo Oriente. Louvaram-lhe a sabedoria e conhecimentos raros; chamaram-lhe o ministro de Deus, e o seu nome serviu para designar os grandes monarchas. D'aqui vem essa turba de Salomões que figuram na historia, ou antes na mythologia oriental. Alguns auctores chegaram a contar sessenta, e foram buscar o principio da serie dos Salomões a tempos anteriores a Adão, quando os genios habitavam a terra. A maior parte d'estes auctores representaram todos os Salomões como principes igualmente dotados de sabedoria e poder, e attribuiram-lhes o escudo mystico, a espada chammejante e o anel maravilhoso.

Um personagem singular nas tradições do Oriente é Kheder, que alguns escriptores confundem com o propheta Elias, empregando indifferentemente estes dois nomes. Os orientaes derivam o nome de Kheder d'uma palavra que significa *estar verde*. Com effeito elles teem lá para si que este personagem não morreu, porque bebêra as aguas d'uma fonte situada na extrema do Oriente nas regiões chamadas os *Paizes tenebrosos*, as quaes aguas teem a virtude de perpetuar a vida. Os que distinguem Kheder d'Elias concordam em lhes dar a mesma duração e emprego. Ambos, dizem elles, andam agora a correr mundo, e velam na segurança dos viajantes; suppoem que Kheder serviu de guia aos israelitas quando atravessaram os areas do deserto. Por tanto Kheder e Elias, a andaram sem descanso, trazem á memoria o Judeu errante. Alguns orientaes lhes attribuiram em especial a guarda das cartas missivas e dos correios; os seus nomes acham-se ás vezes nos sobrescriptos das cartas, para com mais certeza ellas chegarem ao seu destino.

Os musulmanos teem grande devoção com o propheta Zacharias, e com seu filho Yahia, a quem nós chamamos S. João Baptista. No Koran o proprio Deus dirige a palavra ao precursor do Messias: Oh Yahia, pega affontamente no livro, lhe disse o Eterno! « Nós lhe concedemos a sabedoria desde a meninice, continuou o Altissimo; repartimos com elle a nossa charidade e misericordia, e fez provaça de piedade. Respeita muito seu pai e mãe, e é limpo de soberba e iniquidade: a salvação seja com elle no dia do seu nascimento, no da sua morte, e no dia em que resuscitar! » Os orientaes concordam com o Evangelho na austeridade da vida de S. João Baptista, e na morte cruel que lhe fez dar uma mulher por lhe elle querer reprimir a devassidão. Accrescentam que, por memoria de crime tão enorme, nunca cessou de correr o sangue de S. João Baptista. Esta morte, dizem elles, foi a causa primaria da ruina do templo de Jerusalem e da dispersão dos judeus pela superficie da terra. Ainda hoje vão os musulmanos peregrinar a Damasco, onde presumem que estão os despojos mortaes de S. João Baptista, porque o seu fim tragico recorda aos orientaes todas as calamidades que affligem a especie humana.

A ILHA CELEBES—MACASSAR.

(Continuado de pag. 84.)

Mas o nome de Jesus, ou Yssa, como lhe chamam os musulmanos, occupa entre elles logar mais sublime. Lê-se no Koran que Jesus nasceu sem pai, e fôra creado só por virtude da palavra de Deus; por isso os orientaes lhe chamaram o Verbo Divino, ou simplesmente o Verbo. Poem-n'o a par de Adão por terem sido ambos creados d'um modo particular. Os musulmanos reconhecem todos os milagres referidos no Evangelho; admittem a faculdade que tinha o Salvador de resuscitar os mortós, fazer que ouvissem os surdos, dar vida aos enfermos, e fazer que andassem os côxos. Até citam milagres em que a Biblia não falla. Dizem que Jesus só esteve tres horas no berço, que fallou ainda involto nas fachas, e que animava com o seu sopro passaros de barro. O Koran exprime-se assim: «Demos a Jesus, filho de Maria, o poder dos milagres, e assistimo-l'o e fortalecemo-l'o com o Espirito Sancto. Alguns dos prodigios que os livros sanctos não mencionam tirou-os Mafoma dos falsos evangelhos que, no seu tempo, gyravam pela Arabia. Os orientaes estão convencidos de que o Salvador fazia a maior parte dos milagres com o seu sopro; e na verdade, lêmos no Evangelho que elle fez ouvir um surdo soprando-lhe n'uma orelha. Todos os escriptores do oriente alludem frequentes vezes ao sopro do Messias. Em geral, nada é mais louvavel do que o respeito que os musulmanos teem a Jesus. Mafoma, no Koran, faz assim fallar o Eterno: «Oh Jesus! eu exaltarei os que se te unirem, e humilharei os que te não reconhecerem!» Desgraçadamente negaram os arabes a divindade de Jesus Christo; lêem-se estas palavras no Koran: «São infieis os que dizem que o Messias é Deus.» Mafoma, na opinião d'elles, occupa logar mais alto; chegou a dizer um dos seus auctores que o patriarcha Abrahão não passára de ser um official do exercito do propheta, e o Messias o mestre de ceremonias da sua côrte. Negam igualmente a paixão e morte de Jesus Christo. Diz-se no Koran, cap. 4.^o: «Creem os judeus ter dado a morte ao Messias, enviado de Deus; não o fizeram morrer a elle, mas a algum outro com elle parecido.» A opinião dos orientaes é que Jesus ha de voltar no fim dos seculos; as religiões christã e musulmana reduzir-se-hão a uma só, e depois d'isso acabar-se-ha o mundo.

Por uma consequencia natural da veneração que os musulmanos teem a Nosso Senhor, professam admiração profunda á Virgem, a quem chamam Mariam; teem a convicção de que a Virgem Maria e o Menino Jesus foram isentos das manchas do peccado original. «Não ha homem nenhum, disse Mafoma, que ao nascer não traga em si os signaes das garras de Satanaz; por isso, quando nascemos, desatamos em chôro; Maria e seu filho foram os unicos dispensados d'esta prova.» Finalmente os orientaes respeitam os doze apóstolos e todos os que contribuíram para a propagação do christianismo. Todavia, são algum tanto desaffeiçoados a S. Paulo; e affirmam que se os christãos, em vez de considerarem o Messias como simples propheta, lhe attribuíram a divindade, tem S. Paulo toda a culpa d'isto. Depois de Jesus Christo os orientaes não reconhecem nenhum propheta até Mafoma.

Taes são, segundo os musulmanos, os principaes personagens que abriram a estrada ao seu propheta. Muitos d'elles existiram realmente; mas os orientaes converteram-n'os em heroes de romance, afogando a verdade em miudezas bem ridiculas e disparatadas.

Seguiremos este trabalho de Mr. de Courtenay, dando conta, para o diante, da vida de Mafoma, e do Koran.

A VEIGA, para além do bazar, e do arrabalde que o continúa ao cabo da cidade, é um continuação de bonitos jardins antes de chegar á campina. Vê-se depois o terreno plano sombreado por arvores formosas, e que se prolonga a perder de vista: ás vezes ha lagos proximos a pequeninos bosques deliciosos, por entre os quaes volteia a estrada: os arrozaes mostram por muitas partes as ondas das hasteas tremulas ao sopro da briza do largo, ao passo que nos baldios vagueam soltas manadas de bufalos e de cavallos. Casas malaias em quantidade, embutidas no arvoredor, com tenue cerca de estacada, e bellos jardins, tanto mais bastas apparecem quanto menos distam da cidade, chegando a encostarem-se a esta da banda do bazar.

A parada, amplo terreiro que medeia entre a cidade e o forte, na extremidade é guarnecida de alamedas, que vão rematar na morada do governador da colonia, a quem intitulam «residente;» e em contraposição, á beira-mar, vê-se o estaleiro, onde são construidos os paráus destinados á navegação da ilha: não ha cousa que dê melhor idéa da arca de Noé do que estas casas fluctuantes, governadas por dois lemes postos de cada lado da pôpa, e com fortes mastros, imitando um triangulo coroadado de velas quadradas feitas d'esteira. Estes barcos são tardos no andamento, demorados nas viagens, e denotam a bonança d'aquelles mares: são destinados especialmente á pesca, que vão fazer á costa do norte da Australia, ao estreito de Torres, e tambem a apanhar perolas, e ninhos de salangana (*):—estes objectos constituem grande parte do commercio de exportação de Macassar, e expedem-se para os mercados da China. O ganho da pesca do peixe *tripang*, que vai para fóra, é muito lucrativo na Celebes: os negociantes hollandezes entram activamente n'esta especulação; só um d'elles equipava annualmente para esta pescaria uma duzia dos taes paráus.

A população hollandeza conta poucos brancos; compõe-se em grande parte de homens de côr, mestiços oriundos das alianças dos europeus com as malaias, porém nunca de malaios com brancas: é difficilissimo ao estrangeiro fixar o numero dos europeus, mas talvez não passe de 500 pessoas; igualmente o é orçar, durante o pouco tempo de uma arribada, a população china, que de mais d'isso é fluctuante, variando, em certas temporadas do anno, conforme as entradas e saídas de navios que transportam os viajantes. Vimos alli chinas que tinham habitado alternativamente em Manilha, em Singapura, e em Batavia. Esta gente que, no grande archipelago asiatico, faz as vezes dos judeus levantiscos, deixa a patria pelo engodo do lucro, ou aguilhoada pela penuria. Acodem a qualquer parte em que se fundar uma colonia; apossam-se do commercio a retalho, enriquecem pouco a pouco, e as mais das vezes voltam a suas terras quando teem juncto cabedal, posto que alguns se estabeleçam de assentada onde teem feito seu trafico. Ageis, engenhosos, perseverantes, dão-se a toda a casta de especulações; de tudo sabem tirar proveito; e se fazem carpinteiros de carros, quincalheiros, alfaiates, çapateiros, &c., com a mesma facilidade. Porém ao mesmo tempo conservam escrupulosamente os costumes, habitos, trajos, e crença da mái patria: nunca se perde a sua nacionalidade; vangloriam-se d'ella, e isso impede que se confundam com os povos malaios, especulando com a negligencia e preguiça d'estes. (Continúa.)

(*) Que se comem e passam por singular iguaria na Asia.